

Quem cuida da Universidade?

Habitação, migração e trabalho precário nas narrativas invisíveis de trabalhadoras de limpeza.

Joana Pestana Lages, DINÂMIA'CET,
Iscte-IUL, Portugal, joana.lages@iscte-iul.pt
Saila-Maria Saaristo, DINÂMIA'CET, Iscte-IUL,
Portugal, saila_maria.saaristo@iscte-iul.pt
Nuno Dias, CICS.NOVA, Universidade NOVA
de Lisboa, Portugal, dnmf@fcsh.unl.pt

Este artigo explora a interseção entre o trabalho de limpeza em universidades, a crise da habitação e as experiências de mulheres migrantes, enquadrando-a como uma expressão localizada de uma policrise global. Investigam-se relações entre trabalho e habitação das trabalhadoras imigrantes em Portugal através do caso das trabalhadoras de limpeza do Iscte. O objetivo é identificar trajetórias e narrativas comuns que podem abrir caminho para uma conceitualização mais aprofundada do nexo entre migração, género e habitação. Através de abordagem etnográfica não convencional, formada para examinar as desigualdades sociais a partir do interior da universidade, o artigo centra-se em funcionárias de limpeza da universidade - muitas das quais são migrantes que vivem na periferia da cidade. A investigação explora a forma como as suas situações habitacionais precárias estão ligadas aos seus papéis laborais subvalorizados e de género, utilizando entrevistas e observação participante. O estudo sublinha a dupla invisibilidade destas trabalhadoras, cujos contributos são simultaneamente essenciais e marginalizados, refletindo uma desconsideração social mais ampla pelo trabalho de cuidados. Os resultados destacam o impacto sistemático da precariedade laboral e habitacional nas mulheres migrantes, particularmente aquelas envolvidas em trabalhos de cuidados e limpeza, perpetuando ciclos de exclusão social e espacial.

Introdução

A articulação entre o trabalho de limpeza em universidades, a crise da habitação e as vivências de mulheres migrantes, pode ser entendida como uma expressão localizada de uma policrise global, onde desigualdades de género, precariedade laboral, dinâmicas migratórias e exclusão habitacional convergem e se amplificam mutuamente. Este estudo procura compreender como estas dinâmicas se manifestam no contexto universitário, explorando a relação entre condições de trabalho e condições de vida das trabalhadoras de limpeza. A ideia para este curto artigo parte de um lugar particular: o gabinete 132 da Ala Autónoma do Iscte, que foi, temporariamente, ‘posto de trabalho’ dos três autores deste artigo. A partir das conversas sobre precariedade habitacional, fundamento do projeto Care(4)Housing¹ e da discussão conceptual sobre *precariedade*, questionámos a forma como esta, nas suas múltiplas formas, estava presente. Nos nossos contratos, na universidade, nos bairros onde fazemos pesquisa de campo, entre Lisboa, Amadora e Loures.

Este artigo usa o conceito de policrise como lente analítica para compreender a interligação entre fenómenos contemporâneos assentes na exclusão socio-espacial. Partindo do projeto em curso, afinou-se uma agenda de investigação comum, centrada nos lugares de partida que cada um de nós aporta, entre *precariedade* e *cuidado*, vinda de três áreas disciplinares específicas (Estudos Urbanos, Antropologia e Sociologia).

A investigação tem três objetivos principais. Primeiro, analisar como a precariedade laboral e habitacional se entrelaçam na vida das trabalhadoras de limpeza, expondo os desafios e vulnerabilidades que enfrentam. Segundo, examinar a universidade não apenas como um espaço de conhecimento, mas também como um território de reprodução de desigualdades, onde diferentes funções profissionais são espacializadas segundo linhas de classe, género e raça. Terceiro, contribuir para a reflexão sobre justiça habitacional e laboral, evidenciando como políticas institucionais e redes informais moldam a experiência destas mulheres. Tomando o Iscte como ponto de partida, criámos uma inversão do tradicional estudo de caso etnográfico que se centra numa área geográfica selecionada, muitas vezes longe dos espaços académicos. A universidade, foi vista não só como *locus* de reflexividade e problematização de relações e categorias sociais, mas também como sua produtora, e nela encontrámos um observatório da espacialização de diferentes funções profissionais segundo linhas de classe, género e raça.

1- Care(4)Housing. *A care through design approach to address housing precarity* é um projeto de investigação de 36 meses conduzido por uma equipa interdisciplinar de arquitetos e cientistas sociais que, através de uma metodologia de ‘research by design’ explorada a partir de uma base espacial e etnográfica, procura refletir sobre alternativas habitacionais que respeitem a diversidade, promovendo ao mesmo tempo a inclusão de grupos marginalizados, valorizando o cuidado *care* como ferramenta e como prática.

Trabalho de limpeza, migração e habitação em Portugal

A investigação baseou-se em entrevistas semiestruturadas realizadas a treze trabalhadoras de limpeza na universidade, bem como observação participante complementada por conversas informais. Atualmente, o Iscte tem cerca de quarenta funcionários/as de limpeza contratados por uma empresa privada, todas mulheres, à exceção de três homens. Partindo da trajetória habitacional de cada uma, encontrámos fenómenos de precariedade e insegurança habitacional, idênticos aos dos bairros periféricos da Área Metropolitana de Lisboa onde desenvolvemos trabalho de campo desde 2020. Em três entrevistas, as mulheres com quem falámos viviam nos bairros que a pesquisa tinha já como casos de estudo. A constatação de que a realidade habitacional destas trabalhadoras se insere nos padrões já identificados na periferia da AML (Pestana Lages & Jorge, 2023), reforça a ligação entre precariedade laboral e habitacional. Este nexo evidencia como as dinâmicas de desigualdade afetam de forma sistemática as mulheres migrantes, especialmente aquelas envolvidas em trabalho de cuidados e limpeza, perpetuando ciclos de exclusão social e espacial. Deste modo, a universidade torna-se não apenas um espaço de investigação sobre precariedade, mas também um local onde ela se materializa diariamente.

Em Portugal, a evolução do sector da limpeza e dos cuidados reflete padrões europeus mais amplos. Como resultado do aumento médio das qualificações dos cidadãos nacionais e da migração para desempenhar trabalhos semelhantes em economias mais fortes, o sector da limpeza foi autorizado a crescer à custa das mulheres migrantes, primeiro as mulheres dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e, desde a década de 2000, as mulheres brasileiras (Dias, 2013; Pereira, 2013). Apesar da sua migração de longa data e do seu papel central no sector do trabalho de cuidados em Portugal, poucos estudos têm considerado a vida, o trabalho e as trajetórias das mulheres migrantes africanas no país. As tendências portuguesas de crescimento no sector da limpeza e dos cuidados têm estado em sintonia com o resto da Europa, onde se têm consolidado redes transnacionais de trabalhadoras, baseadas sobretudo em relações de proximidade e outras afinidades históricas, nomeadamente linguísticas (Catarino & Oso, 2000). A nossa investigação anterior identificou as formas como as exclusões habitacionais em Portugal são classificadas e baseadas no género (Pestana Lages, 2022, 2024; Saaristo, 2022, 2023) sugerindo uma forte relação entre o trabalho no sector dos cuidados com baixos salários e a precariedade habitacional e identificando o trabalho e a migração como dimensões cruciais na análise das exclusões habitacionais.

Policrise e precariedade

A articulação entre o conceito de *policrise*, tal como proposto por Edgar Morin (1999), e precariedade desenvolvida por Judith Butler (2004) permite enquadrar teoricamente a confluência de crises contemporâneas, no caso deste artigo em torno da corrente ‘crise da habitação’. Enquanto Morin enfatiza a complexidade interdependente das crises globais, Butler foca-se na vulnerabilidade inerente à condição humana e nas formas como esta vulnerabilidade é distribuída de maneira desigual em sociedades marcadas por relações de poder assimétricas.

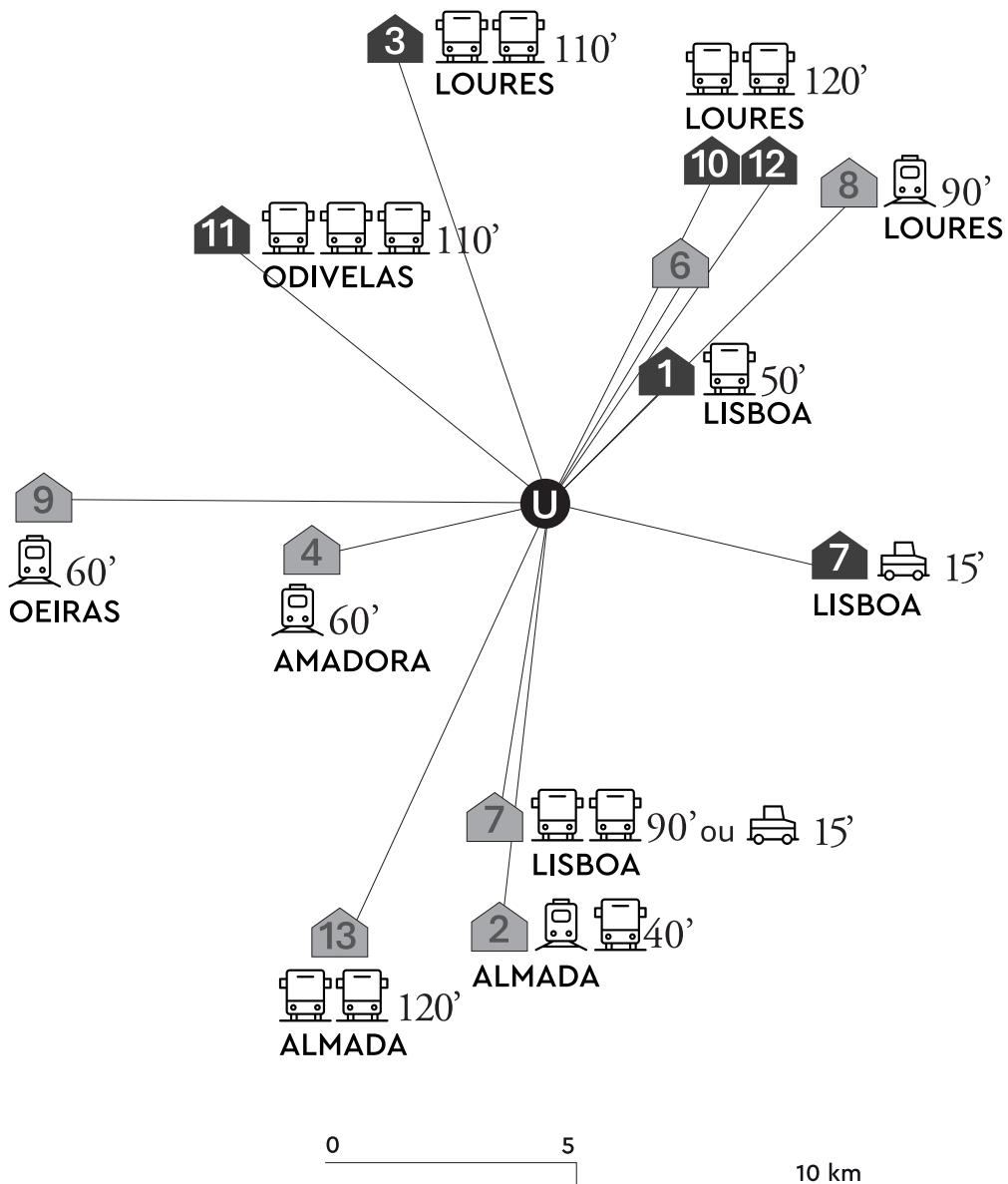
Para Morin, a policrise é mais do que uma justaposição de crises distintas, mas sim um fenómeno sistémico em que diferentes crises — climática, económica, política, social — se entrelaçam, formando uma teia complexa de interações. Este entrelaçamento produz efeitos que amplificam as dificuldades de resolução, dada a sua natureza não linear e o impacto em múltiplas escalas. A policrise não é apenas uma acumulação de problemas, mas sim uma manifestação de um sistema em profunda desordem, onde respostas isoladas a crises específicas tendem a ser insuficientes ou até contraproducentes. Judith Butler, por sua vez, aborda a precariedade como uma condição humana universal, inerente à nossa dependência uns dos outros e à vulnerabilidade dos corpos. Contudo, Butler argumenta que a precariedade é distribuída de forma desigual, com certos grupos sociais — frequentemente aqueles marcados por desigualdades de género, raça, classe ou cidadania — a serem deliberadamente colocados em situações de maior exposição a riscos sociais e económicos. Esta precariedade diferencial é o produto de estruturas de poder que operam para tornar certas vidas mais ‘vivíveis’ do que outras, ou, como Butler formula, para decidir que vidas importam e quais são relegadas à abjeção. Ao cruzar os dois conceitos, podemos compreender a policrise como um contexto que exacerba a precariedade diferencial descrita por Butler.

O trabalho de Butler acrescenta ainda uma dimensão ética à análise da policrise de Morin. Enquanto Morin enfatiza a necessidade de um pensamento sistémico para enfrentar a complexidade das crises, Butler chama a atenção para a responsabilidade de reconhecer e valorizar a interdependência humana, particularmente em tempos de crise, próxima a uma noção de cuidado. O trabalho empírico, apresentado no ponto seguinte, segue uma abordagem que combina estas perspetivas e às suas implicações sobre os corpos e as vidas mais vulneráveis.

Experiências múltiplas de precariedade

A compreensão de fenómenos como a precariedade laboral de mulheres migrantes no setor da limpeza e a sua interseção com a crise habitacional, observada a partir da universidade, acompanha o crescimento do sector da limpeza institucional tem sido condicionado por categorias étnicas, cidadania, emprego, regulação do mercado, políticas migratórias, qualificações, associações profissionais e o tipo de tarefas realizadas (Suleman & Suleman, 2019). A banalização da prática de sub-contratação dos serviços de limpeza representa a ambiguidade máxima da presença física permanente e fundamental de um grupo profissional indispensável para manter a habitabilidade exigida aos edifícios que representam a vanguarda dos sistemas educativos. Tão indispensável quanto alheia à vida regular da instituição, a lógica do sector da limpeza nas universidades tem acompanhado as dinâmicas identificadas no sector mais vasto da limpeza e dos cuidados, particularmente como um local onde se acentua a tendência para uma ‘divisão internacional do trabalho reprodutivo’ (Lutz, 2017). A invisibilização do trabalho de limpeza é simultaneamente causa e consequência do baixo valor social que lhe é atribuído e a quem o executa, e cumpre a importante função económica de sustentar um sector de trabalho intensivo e o seu crescimento num regime de baixos salários e desregulamentado.

As formas intrincadas de precariedade na habitação e no trabalho são claramente evidentes nas experiências das mulheres que entrevistámos. Com exceção de uma entrevistada, todas as mulheres com quem falámos nasceram fora da cidade de Lisboa. Oito mulheres nasceram em Cabo Verde — refletindo o forte papel que a mão de obra cabo-verdiana tem na economia portuguesa, principalmente neste sector —, uma mulher é natural de São Tomé e Príncipe, outra do Brasil, uma de Angola e duas nasceram em Portugal. Os motivos da vinda para Lisboa, ou para Portugal, são variados: alguns vieram por razões médicas, sem intenção inicial de ficar, enquanto outras chegaram diretamente à procura de trabalho. As ligações familiares ajudaram na fase inicial e, mais tarde, contribuíram frequentemente para a criação de uma comunidade transnacional. No entanto, esta fluidez tem consequências concretas para a habitação, com os familiares a ir e vir constantemente (Lobo, 2020). Construir uma casa — tanto a infraestrutura física como um lugar onde a família possa ‘sentir-se em casa’ — torna-se uma tarefa infinitamente mais desafiadora quando há uma necessidade constante de se mudar. Para além disso, não existem políticas públicas em Portugal que tenham em consideração esta população móvel e que prevejam soluções de habitação desenhadas para esta situação.



ARRENDAMENTO HABITAÇÃO SOCIAL UNIVERSIDADE
 autocarro comboio automóvel

As entrevistadas apresentam uma grande variedade de condições de habitação: as duas mulheres nascidas em Portugal, ambas brancas, viveram com a família em bairros precários autoconstruídos, mas foram realojadas ao abrigo do Programa Especial de Realojamento (PER), durante a década de 1990 e o início da década de 2000. Desde então, o acesso à habitação social tornou-se cada vez mais difícil, uma vez que poucas unidades foram disponibilizadas após a primeira década dos anos 2000. Outras quatro entrevistadas com um percurso migratório de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe também viveram inicialmente em bairros precários autoconstruídos, chegando a Portugal para viver com familiares. Foram realojadas em habitações sociais em Sintra, Amadora e Loures, concelhos limítrofes de Lisboa, onde algumas residem há mais de 20 anos. Uma das nossas entrevistadas refere a fraca qualidade da sua habitação, no concelho de Loures. Vivendo num apartamento alto, o elevador está frequentemente avariado e a manutenção dos espaços exteriores não é a melhor. No entanto, não deixou de investir na sua casa, onde vive com a filha, uma jovem adulta.

Chegar mais tarde, particularmente na última década, representou uma dificuldade crescente, nomeadamente para quem arrenda. A precariedade habitacional não é apenas um subproduto dos seus empregos e baixos rendimentos e deve ser vista à luz da mercantilização e financeirização da habitação, com os preços das rendas em aumento generalizado, e relações marcadas pela informalidade (ausência de contratos formais e grande desconhecimento das leis que as podem proteger e apoiar, foram os relatos ouvidos das mulheres que vieram do continente africano). À pertença a determinados grupos sociais racializados, por norma com baixas condições socioeconómicas, acresce ainda uma discriminação racista em termos de acesso à habitação, documentada pelo Comité para a Eliminação da Discriminação Racial (CERD, 2017) e pelo Relator Especial das Nações Unidas para a Habitação (Farha, 2017). 21% dos inquiridos afrodescendentes em Portugal declararam, num inquérito do Eurostat, que sofriam de uma ou mais das quatro privações de habitação, em comparação com 5% do resto da população, e 48% viviam em condições de sobrelocação, em comparação com 10% da população em geral (FRA, 2018). Uma das nossas entrevistadas refere que o senhorio arrendou o apartamento apenas com fiador português dado que o casal, sendo brasileiro, não seria ‘fiável’.

Nota Conclusiva

Para além do trabalho assalariado, as participantes na investigação mostraram ser também responsáveis pelo trabalho reprodutivo não remunerado, o que diminuía a sua disponibilidade para procurar empregos mais bem remunerados para poderem pagar os preços cada vez mais elevados da habitação para arrendamento privado (condição de seis das entrevistadas). O diagrama na página anterior sintetiza visualmente a localização da universidade e os bairros a partir dos quais as trabalhadoras de limpeza se deslocam. A maioria das trabalhadoras vive fora dos limites do município de Lisboa e das suas áreas centrais, onde a universidade está localizada. A indicação dos tempos e meios de chegada à universidade, para os turnos que se iniciam às seis da manhã, é um reflexo da luta permanente para encontrar um equilíbrio entre a proximidade e a acessibilidade económica.

A inversão do tradicional estudo de caso etnográfico, permitiu confrontar, de perto, a dimensão de reflexão crítica e analítica das instituições académicas sobre as relações de produção nas sociedades em que se inserem, com aquelas que protagonizam essas relações no interior dessas mesmas instituições. Estas mulheres estão na confluência de uma policrise que amplifica a precariedade das suas vidas, tornando visível a interdependência entre diferentes sistemas de opressão e vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, colocar em diálogo Morin e Butler convida a uma abordagem ética e sistémica, que reconheça tanto a complexidade das crises como a urgência de proteger as vidas precarizadas que estão mais expostas aos seus impactos.

Financiamento

Este artigo foi realizado no âmbito do projeto 'Care(4)Housing. A care through design approach to address housing precarity' [PTDC/ART-DAQ/0181/2021], financiado pela FCT. Joana Pestana Lages tem financiamento da FCT através do contrato CEECIND/00473/2018 e Saily-Maria Saaristo através do contrato 2023.07870.CEECIND.

Referências bibliográficas

- Butler, J. (2004). Precarious life: The powers of mourning and violence. Verso.
- Cachado, R. A. (2013). O Programa Especial de Realojamento. Ambiente histórico, político e social. *Analise Social*, XLVIII(206), 134–152. http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_206_d03.pdf
- Catarino, C., & Oso, L. (2000). La inmigración femenina en Madrid y Lisboa: Hacia una etnización del servicio doméstico y de las empresas de limpieza. *Papers* 60, 183–207.
- CERD. (2017). International Convention on the Elimination of all Forms of Racial Discrimination. Concluding observations on the fifteenth to seventeenth periodic reports of Portugal: Vol. CERD/C/PRT. United Nations Committee on the Elimination of Racial Discrimination. https://doi.org/10.1163/9789004279926_019
- Dias, N. (2013). A colónia, a metrópole e o que veio depois dela: Para uma história da construção política do trabalho doméstico em Portugal. In N. Domingos & E. Peralta (Eds.), *Cidade e império: Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais*. Edições 70.
- Farha, L. (2017). Report of the Special Rapporteur on adequate housing as a component of the right to an adequate standard of living, and on the right to non-discrimination in this context. Mission to Portugal. In Human Rights Council, 34th Session: Vol. A/HRC/34/5. United Nations Human Right Council. https://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/RegularSessions/Session34/Documents/A_HRC_34_51_Add.2_EN.docx
- Ferreira, J. P., Silva, N. B., & Costa, J. F. (2019). O preço da habitação: As determinantes do valor na área metropolitana de Lisboa. In A. C. Santos (Ed.), *A nova questão da habitação em Portugal: Uma abordagem de economia política* (pp. 171–197). Actual.
- FRA. (2018). Second European Union Minorities and Discrimination Survey Being Black in the EU (EU-MIDIS II). European Union Agency for Fundamental Rights (FRA). <https://doi.org/10.2811/51938>
- Horta, A. P. B. (2006). Places of resistance: Power, spatial discourses and migrant grassroots organizing in the periphery of Lisbon. *City*, 10(3), 269–285. <https://doi.org/10.1080/13604810600980580>
- INE. (2023). A HABITAÇÃO CONCENTROU CERCA DE 39% DA DESPESA MÉDIA DAS FAMÍLIAS EM 2022. Instituto Nacional de Estatística. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaque&DESTAQUESdest_boui=598753053&DESTAQUESmodo=2
- Jorge, S., Oro, A. V., & Roseta, H. (2024, May 15). 4. Precio das casas e rendimento das famílias – evolução no século XXI. O Contador. <https://www.ocontador.pt/direito-a-habitação/historico/00000063,00000016/index.htm?4-preco-das-casas-e-rendimento-das-familias-evolucao-no-século-xxi>
- Lobo, A. de S. (2020). The challenges of making family at a distance. Some reflections on migrations and family dynamics in Cape Verde. *Analise Social*, 55(237), 840–866. <https://doi.org/10.31447/as00032573.2020237.07>
- Lutz, H. (2017). Care as a fictitious commodity: Reflections on the intersections of migration, gender and care regimes. *Migration Studies*, 5(3), 356–368. <https://doi.org/10.1093/migration/mnx046>
- Morin, E., & Kern, A. B. (1999). Homeland earth: A manifesto for the new millennium. Hampton Press.
- Pereira, S. (2013). Replacement Migration and Changing Preferences: Immigrant Workers in Cleaning and Domestic Service in Portugal. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(7), 1141–1158. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2013.778039>
- Pestana Lages, J. (2022). Habitação em pandemia: Os desafios da COVID-19 a partir da experiência de mulheres em situação de precariedade habitacional. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, 45. <https://doi.org/10.15847/cct.26604>
- Pestana Lages, J. (2024). Spatial practices of care among women facing housing precarity: A study in greater Lisbon during the pandemic. *Gender, Place & Culture*, 0(0), 1–21. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2024.2312362>
- Pestana Lages, J., & Jorge, S. (2023). A gendered taxonomy on housing precarity: Challenges from lisbon metropolitan area during the covid-19 pandemic. *Sociedade e Território*, 35(1), 51–72. <https://doi.org/10.21680/2177-8396.2023v35n1ID32254>
- Saaristo, S.-M. (2022). Transgressive Participation: Housing struggles, occupations and evictions in the Lisbon Metropolitan Area [University of Helsinki]. <http://urn.fi/URN:ISBN:978-951-51-7046-0>
- Saaristo, S.-M. (2023). Gendered and classed homelessness: A life-history analysis on displaced survival in Lisbon. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, au23. <https://doi.org/10.15847/cct.29261>
- Santos, A. C. (2019). Habitação em tempos financeiros em Portugal. In A. C. Santos (Ed.), *A nova questão da habitação em Portugal. Uma abordagem da economia política* (pp. 15–52). Conjuntura Actual.
- Suleiman, F., & Suleiman, A. (2019). How Do Household Tasks Shape Employment Contracts? The Provision of Care in Portugal. *Feminist Economics*, 25(1), 174–203. <https://doi.org/10.1080/13545701.2018.1532594>